

# O barão de Canudos é imortal

Eduap

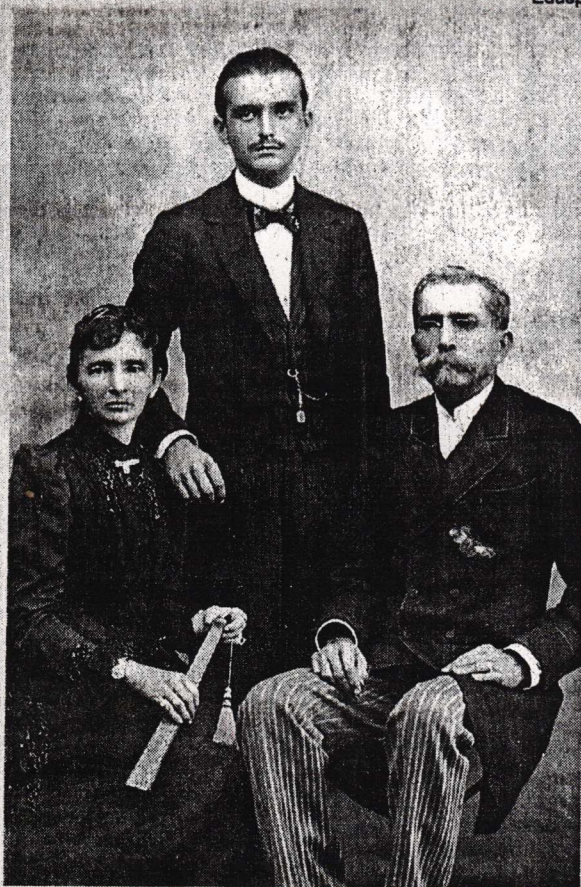
Salu um grande livro. É *Canudos - Cartas para o barão*, organizado pela professora Consuelo Novais Sampaio (Editora da Universidade de São Paulo). Influenciará tudo o que se venha a escrever sobre a Guerra de Canudos.

Assenta-se na transcrição de 70 cartas recebidas por Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo (1838-1903), o maior fazendeiro do sertão baiano ao tempo da guerra. Tinha 61 fazendas e construiu a primeira usina de açúcar do Nordeste, a quinta do país. Entre 1873 e 1903, conservou 1.300 cartas recebidas. A professora teve acesso à correspondência selecionada pela família, a quem se deve a preservação desse precioso material.

As cartas são uma maravilha. A partir delas pode-se estudar a possibilidade de que a matança dos prisioneiros do arraial, como o sapo de Guimarães Rosa, não foi produto da malvadeza, mas da precisão. Assim como a turma do andar de cima reclamou do êxodo de seus trabalhadores para a vila do Conselheiro, passou a temer "a descida" de sua gente.

Temia-se "o povo do 13 de maio", os "santinhos", a choldra, enfim. Vitoriosa a tropa, o que fazer com os milhares de sertanejos aprisionados?

Soltos, desorganizariam a estrutura social da região. Pre-



*O barão (E), seu filho e a baronesa*

sos, custariam uma fortuna. Um fazendeiro temia um "sertão contaminado com mais de dois a três mil jagunços" e lembrava que as mulheres e as crianças dariam "maior dispêndio ao Estado". Propunha: "Devia era tudo ser degolado, mas assim não quer o tal marechal" (Possivelmente, Carlos Machado Bittencourt, ministro da Guerra.) Vale registrar que a maioria dos casos de saques mencionados nas cartas refere-se à delinquência da tropa.

Degolando-se a malta foi possível economizar até os cartuchos. Décadas depois, no Contestado, fez-se parecido. Em Canudos, muitas crianças foram poupadas e, de acordo

com um hábito milenar, escravizadas.

O medo do povo é uma das mais ridículas características da elite brasileira. As cartas ao barão mostram também como são velhos os temas que carrega nas costas.

CPI dos Remédios? Um farmacêutico foi preso e posto num porão, por curandeirismo:

"Como sabe, o Meneses tem farmácia aberta pela licença que obteve (...) e só vende os remédios de sua farmácia, sem receitar nem aconselhar a ninguém".

Privatizações? Um primo deputado contava:

"O vice-presidente já sancionou a lei de arrendamento por 30 anos das nossas estradas de ferro" (...) "tendo tomado outras medidas de papelório".

Horror ao Ministério Público?

"O promotor (...) chegou ansioso para iniciar processos de perseguição" (...) "Multaram também em dois contos o nosso amigo Belarmino (...), por causa da emissão de vales".

Medo da banca?

"Tudo isto traz o espírito público inquieto e muito contribui para nosso descrédito no estrangeiro".

Verdadeira jóia é a observação do deputado Paulo Martins Fontes, genro da irmã de Jeremoabo, sobre a campanha eleitoral:

"Enfim, será uma contradição que dará no mesmo".